

BRASIL-PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1908

N.º 219

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II

Marechal-general do exercito portuguez

(Cliché de Benoit).

PAZ

Le peuple n'a jamais profité de leur crime.
Il en fut le prétexte, il en est la victime.

LE FRANÇ DE POMPIGNAN.

A tragedia do primeiro do corrente encheu de luto e dôr o coração das mães, cuja solidariedade é tal e tanta, que no palácio sentem-se as dores do tugurio, e na cabana as agonias dos paços.

As mães de todas as classes sociaes, n'estes dias desolados em que o sol parece um insulto ao coração dos que soffrem, teem vertido sentidas lagrimas pelos filhos que as rainhas e uma

pobre senhora perderam, e, talvez inda mais do que por elles, pelas dores que essas mães soffrem, pela lembrança das crianças innocentes e orphanadas que chorem sem ainda bem comprehenderem a irreparavel perda que soffreram.

Mas as mães!... Crear um filho com todo o amor, com toda a ternura e mimo de que é capaz um coração de mulher e, quando elle já pode guiar-se por si, quando promette realizar todas ambições por ella tidas e sonhadas com o mais carinhoso e encarecedor affecto, quando avassalla o coração, que n'elle se encanta, pela admiração das perfeições que tem, ou que a mãe no seu excessivo affecto lhe attribue, vel-o prostrado sob os proprios olhos ou arrastado pelas ruas e morto atrozmente como o peor dos assassinos, é horripilante.

Amar e soffrer é geralmente o destino das mulheres em todas as classes sociaes: mas ser ferida subita e brutalmente no mais intimo, no mais sagrado de todos os sentimentos, na carne da sua carne,



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos e o seu Estado-Maior

(Glicé de Arnaldo da Fonseca).

(Quadro de Carlos Reis)

na razão de ser da sua existência, excede tudo o quanto as forças humanas podem supportar. E' o martyrio da Virgem-Mãe no Calvario. «Onde ha dôr que iguale tal dôr?»

Nós, as mulheres, por isso mesmo que estamos isentas de responsabilidades, accendemos muita vez, ou entretemos inconscientemente odios e malevolencia nos corações masculos; n'esta dura e crudelissima lição, que pode ser proveitosa a todo aquelle que bem a medite, devemos todas aprender o escrupulo de excitar paixões e a conveniencia de apagar odios.

Todas as que temos filhos, feridas pela dor reflexa das outras mães, devemos lembrar-nos que o que succede no paço pode succe-

pedir e desejar a paz. Se todos estiverem, como apregoam, realmente despidos de ambições pessoais, se o desejo de acalmção reina com verdade em todos os corações, tel-a-hemos.

O chefe do partido mais avançado teve uma phrase que podia e devia servir de lemma á nação, cada qual no campo dos seus deveres e convicções, porque o bem deve-se aproveitar *venha de que lado vier*. Não é pela revolução mas pela evolução. E' ao conhecimento e observancia d'esta verdade que a Italia deve o seu engrandecimento. Tanto se pode applicar o pensamento do sr. Bernardino Machado a republicanos como a monarchicos, porque a convicção não se impõe; infiltra-se lenta e suavemente e, transmitida assim,

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia



Copia d'um retrato offerecido por Sua Magestade aos officiaes do Regimento n.º 1 d'Infanteria da Rainha, como se vê na dedicatoria escripta pela mão da Augusta Senhora no lado esquerdo, ao alto, do mesmo retrato

Reprodução do coronel Manuel de Sousa Machado).

der-nos a nós, e que a paz, se é o que o bem da patria requer, é tambem o que a vida e futuro dos nossos filhos exigem.

As mulheres quando querem podem muito. Ha uma simples phrase com que todas sabem enfrear as mais desordenadas e contrar as paixões: «E o futuro dos nossos filhos?» Quem a tempo murmure estas palavras ao ouvido d'um pae, por excitado que elle esteja, obriga-o-a a reflectir.

As mulheres, quer se inclinem theorica e ostensivamente a esta ou áquella forma de governo, fazem-n'o superficialmente e quasi sempre sem convicção; é um pretexto para falar, ou antes para não se verem forçadas ao silencio que é a sua mais severa punição.

As graves questões sociaes não se fizeram para nós. O que sobre tudo nos importa é o bem dos filhos e o socego dos nossos, razão porque as mães, ao memorarem a dolorosa tragedia do dia 1, devem

seja qual for, nunca mais se desarreiga. Esta phrase, que deve ficar, mostra um alto senso politico e humanitario que seria para desejar ver individualmente em todos os lab'os com igual sinceridade.

Querer fazer o bem do povo pela violencia são os processos do ultimo governo, applicados pelos que os condemnam.

O que d'elles resulta está indelevelmente gravado na memoria de todos os que tiverem coração, sejam quaes forem as suas idéas. Acalmção é o que a hora presente requer, é o que o verdadeiro amor patrio exige, mas real e não ficticia, que em nada se assemelhe á maioria de theorias de liberdade que por ahí correm, que derivam na pratica em licença para uso proprio, e repressão para os outros.

A desgraça que hoje fere o paço, innocentes creanças, uma pobre senhora e quem sabe quantos mais, pode amanhã ferir-nos a nós nos nossos filhos.

Rei, Príncipe e assassinos todos morreram.

Respeito e piedade para com os mortos é um dever chr'istiano. Elles estão diante de Deus, não são pois os homens que teem o direito de os julgar.

A dôr quanto mais punge as almas mais as purifica. A tarde do primeiro de fevereiro deve ter beneficos effeitos em todos os corações portuguezes de paes e mães. Todos, seja qual fôr a sua cõrpolitica, verão em D. Manuel II, além do Rei, a creança orphanada, o

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II

medieval: *Carolus, Karulus, Karlus*. A palavra passou para o eslavo no sentido de «rei». Em francês antigo: *Charle* (nominativo), *Charlon* (obliquo). Em italiano: *Carlo*. Em hespanhol: *Carlos*. Importancia d'ella no seculo xvi, por causa de Carlos v e de S. Carlos Borromeo. Em Portugal encontra-se já no *Cancioneiro* de Resende e em varios docc. do seculo xvi, num e noutro caso applicada a gente nobre. Anteriormente ao seculo xv supponho que será rara, se é que apparece; só num documento do seculo x ha *Carlton*, que talvez corresponda á citada fórma francesa *Charlon*. Do seculo xvi em diante abunda. Talvez *Carlos* nos viesse da Hespanha. A fórma popular é *Calros*, no Algarve e noutras terras.

Luis é tambem de origem germanica: allemão *Ludwig*, que corresponde a *Chlodwig*, palavra composta, que significa «campeador da gloria». A palavra passou para o francês: já no seculo viii *Louis le Débonnaire*. Mas é com S. Luis (seculo xiii) que ella começa a adquirir importancia nos povos catholicos. Creio porém que não abunda nos nossos documentos medievaes. No precioso *Onomastico* do Dr. Cortesão, que se está publicando no *Archeologo Português*, cita-se *Lois* e *Luis* só em documentos do seculo xv. Todavia no *Cancioneiro* do Vaticano, n.º 410, figura *Luis Vaasquez* (ou *Vaasquiz*). No *Cancioneiro* de Resende tambem figuram varios *Luises*. Do seculo xvi em diante é correntissima. A palavra veio-nos pois da França, ou directamente, ou por intermedio da Hespanha (onde

filho a quem, pela alta missão que o dever lhe impõe nem ao menos é permitido entregar-se sem reservas á sua dôr.

Os corações portuguezes teem estranhas anomalias; ferozes até ao delirio na lucta, não podem ver uma lagrima n'uns olhos de mulher e... correm tantas!

Maria O'Neill.

Carlos, Luiz e Manuel

É deveras interessante, especialmente no momento actual, a seguinte espição que o sr. Leite de Vasconcellos apresenta acerca das origens, significação, etc., dos tres nomes acima:

CARLOS é de origem germanica e significa de modo geral «homem»: alto-allemão antigo *charal*, *charl*, *karal*, inglês *carle* «aldeão», escandinavico *karl* etc. Importancia da palavra no seculo viii, por causa de Carlos Magno, em allemão *Karl der Grosse* Latinização



Na estação do sul e sueste. — Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II na tarde do attentado

ha *Lois*. Como se viu, deve escrever-se com *s*, e não com *z*. Latinização: *Loduvicos*, (por causa de *Ludwig*). *Aloisius* ou *Aloysius* (por causa de *Lois*). Também se usa *Aloysio* como nome proprio.

MANUEL. A forma latina é *Emmanuel*, e vem do hebreu *Himmanuel*; explica-se por «Deus está connosco». Tem voga nos povos catholicos, porque Isalás, vii, 14, diz que uma virgem dará á luz um filho chamado «Manuel»; veja se também S. Matheus, i, 23. O povo na poesia popular chama a Christo o *divino Manuel*, e por causa das relações mythologicas entre Christo e o sol diz-se na Beira, pela manhã: *Lá vem o Manuel do dia || Que tudo cria!* Esta palavra apparece já em documentos do seculo x no Minho; todavia creio que só se vulgariza muito depois. No *Cancioneiro* de Resende

apparece varias vezes, e adquire todo o brilho na pessoa do Rei Venturoso (1495-1521). Alguns autores nossos, por latinismo, escreveram *Emmanuel* em vez de *Manuel*, por exemplo: Camões, no soneto que começa *Ditosa penna*, embora na epopeia use *Manuel*; e Damião de Goes, que tem uma *Chronica*, impressa pela primeira vez em 1566, intitulada *do felicissimo Rei D. Emmanuel*. A forma popular é *Manel*, que vem de *Manuel*, como do lat. *lanuella* veio *janella*; o *n* não se syncopou, porque o *u* não é aqui vogal, é semi-vogal.

D'esta breve resenha se vê a curiosidade e importancia que tem o estudo dos nomes proprios. Elles na origem são em geral expressões communs. Reflectem crenças religiosas, influencias historicas, gostos e usos sociaes.



El-Rei o Senhor D. Carlos fardado de commandante de Oxford Shire e o Rei Eduardo VII trajando o uniforme de coronel honorario de Cavallaria n.º 3

Duas mães em pranto

Rasão tinha quem escreveu um dia que os tumulos eram eguaes por dentro, embora diferentes na fórma exterior. Na apparencia e do lado por onde os contempla o mundo são variadissimos, mas na face interna, a que está voltada para a eternidade, são eguaes.

Pode o orgulho e a vaidade amontoar grandezas, pôr ao seu serviço os mais complicados aparatos cultuaes e os deslumbramentos



El-Rei e Sua Magestade a Rainha desembarcando do vapor na tarde do attentado

(Último instantaneo de 88, MM.)

da arte; mas a lição dos factos é a triste realidade da morte nivelando os reis e os vassallos em um equilibrio da mais severa egualdade.

As corôas e grinaldas, quer sejam de lyrios e perpetuas, quer sejam de camelias, da côr da neve, que relembra os mais frios gélos no tabido seio sepulchral, ficam bem a decorar os monumentos fúnebres quando a dedicação e a saudade as colloca ao pé da cruz, por que este symbolo augusto de uma crença eterna relembra a immortalidade do nosso ser.

As lagrimas que a dôr arranca e a saudade acalenta, essas perolas que rolam pelas faces com o travôr dos soffrimentos e as ternuras de um balsamo, tambem revelam, em frente dos sarcophagos ha pouco cerrados, um grande nivelamento nos martyrios humanos, porque a physiologia das lacrimaes é egual em todos os seres que pranteiam.

Eis o que se passa n'aquella lugubre mansão de S. Vicente de Fóra, onde os dois ultimos cadaveres que alli entraram são os de D. Carlos I e o do principe real D. Luiz Filippe, ha pouco assassinados.

Alli, envoltas em pesado véo de intenso luto, choram duas rainhas, pranteiam duas mães!... Uma é a expressão da saudade ferida pela perda do esposo e do filho, outra é a figura do tormento que vem completar a amargura do coração em face dos cadaveres de um filho e de um neto, em um momento de vindictas populares sacrificados!

Era tradição entre os gregos e uma das mais poeticas memorias do mundo hellenico, a difficuldade que o grande artista, Timantes, encontrara em sua carreira ao ter de exprimir na tcla e pintar com precisão a dôr que opprimia o coração de uma sacrificada mãe. Esse genio artistico, que foi uma gloria historica de um dos grandes períodos da arte, vacillou, estremeceu, estacou deante de um impossivel, pois impossivel era dar a um rosto todos os tons do lancinantissimo soffrimento que allige o coração maternal; o mesmo é no momento actual revelar toda a grandezza do martyrio e a densidade do pranto de duas mães, duas rainhas!...

PADRE F. J. PATRICIO.

A RAINHA D. AMELIA

No terreiro do Paço, ás cinco horas da tarde,
Quando da coronal o brilho já não arde,
Na luz crepuscular em que o frio povôa
O confuso vai-vem das ruas de Lisbôa,
Da Familia Real deslisa a carruagem
Por entre a multidão, que se curva á passagem
Da Rainha, de El-Rei, do Duque de Bragança
E do Duque de Beja, ainda uma criança.

N'isso, um grupo feroz, como um tufão violento,
Investe impetuoso, infernal, truculento,
E a tiros de espingarda e revólver — expiram
D. Carlos e D. Luiz...

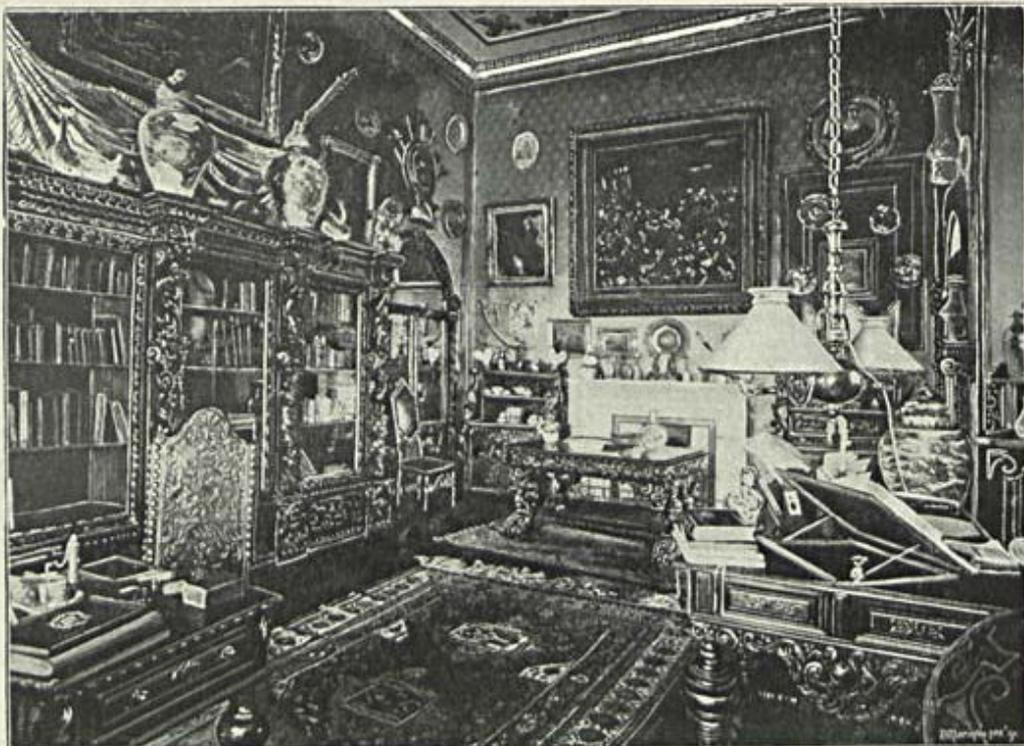
Ah! mas enquanto auram
Contra a Familia Real, uma scena gloriosa
Faz recuar de assombro a multidão curiosa:

A sagrada Rainha, Esposa e Mãe, no instante
Em que sente baleado o coração amante
E o seio maternal, como se uma só bala
Sugasse todo o mel que o sentimento exhala,
— Sem desprender um ai, sem soltar um gemido,
Ergue-se resguardando o filho estremecido!...

Sublime de valor, divina de heroismo,
Foi um raio de luz nas trevas de um abismo.

Rio, 2 de Fevereiro de 1908.

Mucio Teixeira.



Paço das Necessidades. — Gabinete de trabalho de El-Rei D. Carlos

Nos tempos do Passeio Publico

III

Para quem, desejando interromper esta monotonia, em que nos vae decorrendo a vida, sente de vez em quando a necessidade de transmittir pela penna algumas das impressões recebidas, ha assumptos bons e tambem os ha maus. N'este ultimo caso tenho infelizmente a citar o canal do Alviella, que n'um dos meus artigos an-



Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia

teriores me sahiu apenas com 11 kilometros em vez de 114. Essa obra, tão longa como ousada, de que a cidade tanto se vangloria, está a maldizer-me com toda a certeza desde que a minha sorte quiz que por um simples erro de algarismos tal houvesse de se dar. Que

varias diabruras, de que pela intervenção de algum trocista Belzebuth fosse victima, houvessem escapado vá! mas essa não pode passar, assim como a agua passa pela obra, porque mal vae a quem queira canalisar erros de tal vulto.

Ha quem viva só de recordações, o que bem se comprehende; algumas pessoas no recolhimento de espirito em que se encontram, aborrecidas do que muitas vezes em torno de si estão presenciando, procuram refugiar-se mentalmente n'um passado, que dia a dia lhes vae fugindo, e na thebaida, em que assim se encerram, delectam-se



Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia e Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso

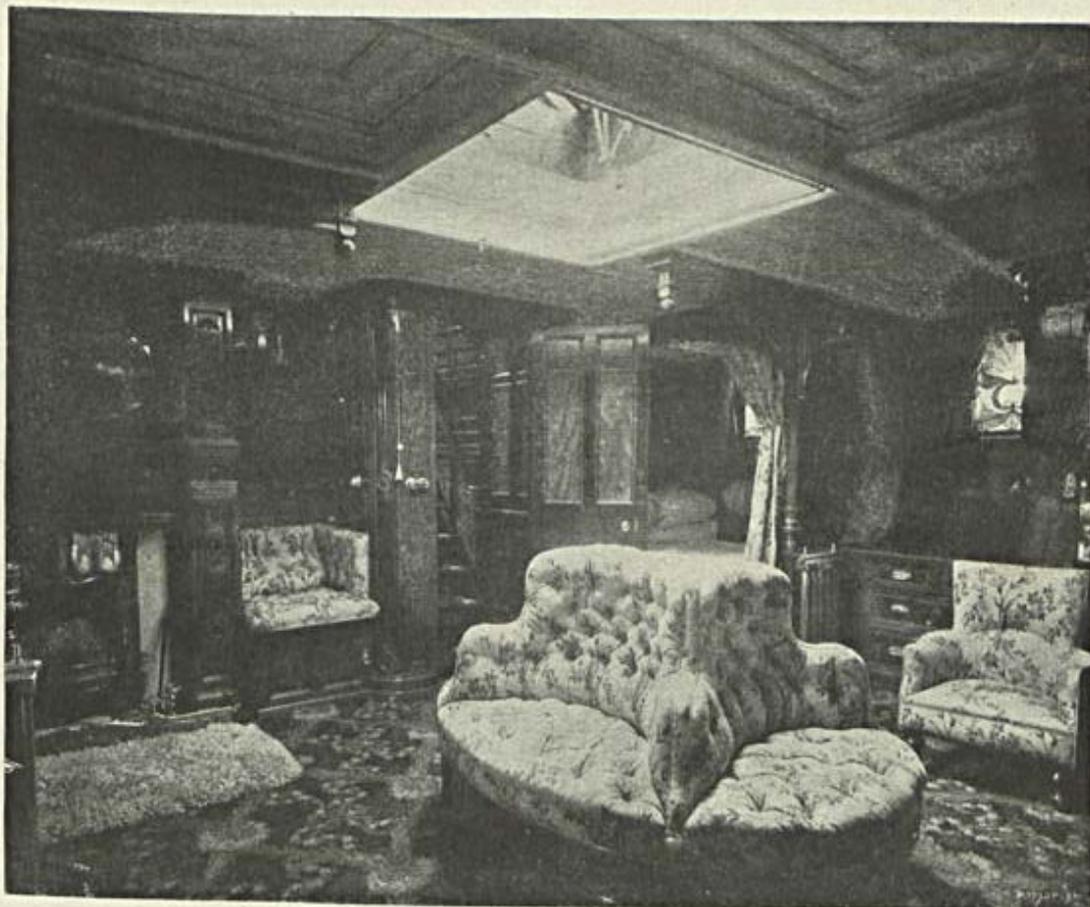
em saborear pausadamente o travo da saudade, ao passo que a melancolia, ao assaltal-o, vae, manso e manso, deixando cahir o seu véo.

Mais ou menos, ninguem deixa de sentir, se muito já viveu, n'um momento, que se lhe afigura de repouso, de ligeira paragem no seu caminhar, a necessidade de depôr o bordão, com que vae peregrinando pela longa estrada da vida, e de relancear a vista pelo que n'esses fugitivos horisontes do passado, mais e mais, se vae occultando.

Já o disse e repito-o, porque não conhecendo o *segredo do Fausto*, não sendo possível o deparar-se-me qualquer Mephistopheles disponível, visto não poder voltar para traz, acaricio ao menos a ideia de parar, por poucos momentos que seja.

E, demais, o Passeio Publico, os tempos em que tal paraizo foi gosado por lisboetas e forasteiros, offerecem tal interesse, que bom será o vir alguém por este meio, estimular, avivar as recordações dos que muito sabem, para que alguma coisa sobre tão interessante materia nos queiram dizer.

Ao vermos a Avenida da Liberdade, ampla, desafogada, erguendo vaidosamente sobre os seus largos passeios os bellos exemplares



Yacht Amelia. — O camarote de El-Rei o Senhor D. Carlos



O Príncipe Real Senhor D. Luiz Filipe

Fardado de alumno do Collegio Militar

que ostenta de flores tão diversas, em que a enorme população de Lisboa, que hoje sahe toda para a rua, mal cabe, quão acanhado se nos está afigurando esse Passeio, que só agora existe nas nossas recordações! Não chegava a ter metade da extensão da Avenida e além d'isso, n'esse espaço confinado, apertado pela cortina de cantaria e cinta de grades, não entravam a Rua Oriental e a Rua Occidental. E, apesar d'isso, chegava, porque ainda se não tinha preconizado e

radicado o habito de passear, como uma indispensavel medida hygienica. As senhoras raro sahiam sós, e, quando por acaso o faziam, eram por toda a parte alvo de olhares indiscretos e até de um ou outro dichote de marialva atrevido, ou de vadio avinhado.

His nous regardent sous le nez — dizia a boa da Razzzi, depois de ter sido *madame* de muitas outras designações, o que não obstava a que se queixasse do atrevimento tantas vezes revelado n'essa insistencia dos transeuntes.

Havia senhoras, e muitas, que mal sabiam andar na rua, acostumadas, como se viam, a passarem a vida sentadas. Engordavam n'esse repouso forçado, que só aos patos se está nos nossos dias applicando para obter o *foie gras*. Andavam desastadamente de botas cambas, passo hesitante, lançando mal o corpo desairoso, apertavam-se umas de encontro ás outras, como que para mutuamente se escudarem contra um imaginario ataque do publico hostile, e, até as proprias *borboletas* — porque em todos os tempos as houve — pareciam geralmente uns espantalhos, aguentando sobre os seus corpos de marafonas umas saias engommadas, rijas, tesas como um pau, fazendo a leguas de distancia grande bulha pelo arrastamento sobre o lagedo dos passeios das ruas, mais tarde substituido pela pedrinha miuda.

Qualquer estrangeira, seguindo sósinha de um para outro lado com desempeno e elegante simplicidade, fazia convergir sobre a sua pessoa todos os olhares, impondo-se pelo modo senhoril ao respeito dos palermas embasbacados pela porta da Havaneza, pelos passeios do Chiado, por todas as esquinas.

Damas de outras regiões, que, batendo as azas, houvessem dado em betairas, ou de reputação acima de toda a macula, como devia ser a da mulher de Cesar, andavam desembaraçadamente, livres de todas essas peias, que tanto incommodavam as outras.

Quando a celebre polaca, frequentadora do passeio, por alli se fazia admirar com o seu soberbo cão, olhando desdenhosamente para os toleirões que a fitavam, segredava-se entre o publico o nome de um homem politico importante, muito em evidencia, mas ninguem se atrevia a dizer-lhe nada.

O calçado, que para alli levavam as nossas elegantes deixava muito a desejar, e não se podia suppôr que este artigo viesse a ser objecto de uma das mais bellas artes que hoje contemplamos. De vestidos cahidos, como então se usavam, não era licito a olhares cupidos o descobrir-lhe os segredos do feitio, os quaes se mantinham impene-traveis como um mysterio. O arregaçar das saias foi para

este luxo feminino o que, mal comparado, vieram a ser os americanos e os carros electricos para a expansão da cidade, que trepou pelas la-deiras despovoadas invadindo arrabaldes; produziu uma revolução! A bota appareceu assim á luz do dia em toda a sua garridice provocante e o estudo das curvas estonteadoras, que até alli, por essas ruas fóra só nas pernas das varinas o curioso podia fazer de relance, entrou a generalisar-se; manda, porém, a verdade o dizer aqui so-



Paço das Necessidades. — Gabinete de estudo do Príncipe Real Senhor D. Luiz Filipe

bre esta materia, que veio a talho de foice, que nem o escopro, paleta, ou cinzel, tiveram muito a lucrar com essas exhibições, que, se alguma coisa provocavam, não foi decerto a scentelha divina no cerebro de qualquer dos eleitos da Arte.

A historia do calçado, ligada ás idéas estheticas de cada época acerca do feitiço do pé, está ainda por fazer; poderíamos agora, se não fossem as canceiras provocadas por andar muito, ir até os tempos nebulosos, em que sobre umas sandalias, bem resistentes, descaçava um alentado corpo; ir á lenda desencantar o chapim da Gata Borralheira, mas, decerto, o Passeio Publico não viu nada d'isto talvez nem mesmo tivesse andado por lá, quando veio para Lisboa, a feliz possuidora de um pé tão pequenino, que podia servir n'um sapatinho em poder do conde de Farrobo.

A época não corria propicia para os pés grandes; as Venus patudas, de que fala Garrett, não contavam entre nós admiradores e o salto, de boa altura, veio discretamente disfarçar esse defeito, quando por acaso existia, com prejuizo, é claro, da estabilidade do corpo e da firmeza no andar.

Os vestidos redondos, á *Benoiton* e as botinhas, á *Frederica*, accenderam o estro de muitos vates; a bota, desembaraçada da saia, que nada lhe encobre dos correctos lineamentos, começou a percorrer uma serie de aperfeiçoamentos, que hoje sob as saias arregaçadas não nos cançamos de admirar.

Uma botinha, feita com toda a arte e esmero, sobre a qual descaça um corpo donairoso, pisando bem, cujos deliciosos contornos mal se occultam por entre umas rendas, semelhantes ao *véo dos roxos tyrios pouco avaro*, cantado pelo épico; uma botinha, assim, é o complemento indispensavel do vestuario de toda a bella que se preza.

Artistas de sola e vira, poetas da mais requintada imaginação, modesta e obscuramente ao canto da officina, sobre a classica tripeça, entre a sovela e o serol, traçam diariamente estes encantadores poemas, destinados a serem um tormento e uma delicia.

O Passeio Publico, antes de se perder nos recessos da Historia, muito incorrectamente andou connosco em não nos contar os segredos das donas d'esses lindos pés, que pisavam a areia das suas ruas!

L. F. MARREAS FERREIRA.

Echos do attentado

Tudo se deu n'um tragico minuto!
Um tiro, e outro alvoroçando a gente,
mataram Filho e Pae...

e eis de repente
um lar, um throno, — uma nação de luto!...

Porém o tempo, em passo resolutivo,
já das memorias leva a dôr pungente;
e da tragedia, ha-de ficar sómente
em duas Mães o pranto nunca enxuto!

N'Ellas, — ninguém pensou!
Que se pensassem,
talvez os seus verdugos hesitassem
em produzir tamanhas amarguras!
Conta-se d'um leão, que ante a agudeza

d'um grito maternal, — soltara a presa...

.....
.....
.....
Mas os leões são nobres creaturas!...

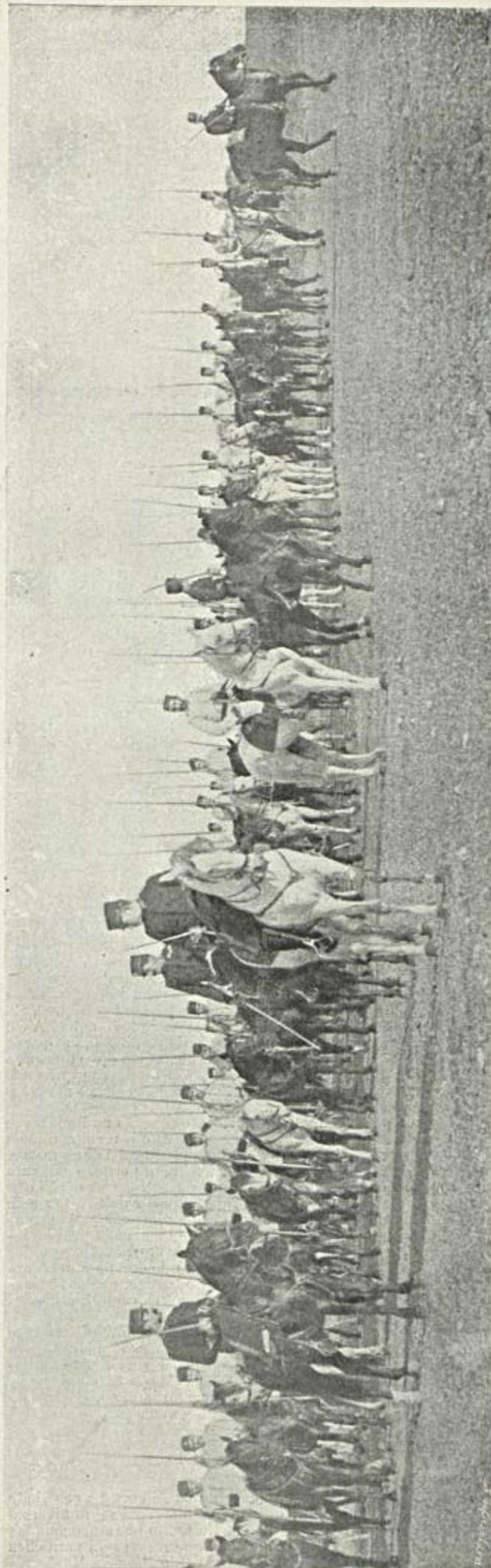
18 de fevereiro de 1908.

Branca de Gonta Colaço.

Politica internacional

Se exceptuarmos Marrocos, de que ainda n'esta revista teremos de nos occupar, é a Allemanha o paiz que no momento actual mais prende a attenção dos que seguem com interesse as diversas peripecias da politica internacional. Duas questões, com effeito, qual d'ellas a mais importante, estão actualmente na tela da discussão no imperio. A primeira é o projecto de lei apresentado ao Landstag prussiano pelo príncipe de Bulow, auctorizando o governo a expropriar na Prussia Oriental e Grão Ducado de Poser até 70.000 hectares de terras pertencentes aos polacos, com o fim de reforçar o elemento allemão n'essas duas provincias.

E' sabido como a apresentação de semelhante projecto levantou a maior indignação não sómente entre os polacos prussianos, mas na Polonia russa e na Polonia austriaca, e como o protesto contra tão brutal attentado se tem estendido a toda a Europa liberal, onde corre a eloquente carta de Sierkievicz aos intellectuaes de todo o mundo pedindo-lhes o apoio moral para os seus compatriotas per-



O Principe Real Senhor D. Luiz Filippe recebendo o commando d'um esquadrão

seguidos pelo governo de Berlim. Na propria Alemanha levantam-se vozes eloquentes a estigmatizar o monstruoso attentado. Apesar de tudo, porém, o projecto já passou em terceira leitura no Landstag, estando em vespéras de se converter em lei.

Que resultará da applicação d'esta lei draconiana não é facil prevê-lo. A avaliar comtudo pela resistencia que até agora o ele-



O Principe Real Senhor D. Luiz Filippe

mento polaco tem opposto á prussianisação pôde suppôr-se que ainda d'esta vez a burocracia da Prussia errará o alvo.

Já se fala em nada menos do que em *boycottage* dos productos allemães em todas as terras onde se fala o polaco, e isto representa um mercado de perro de vinte e cinco milhões de habitantes. Além d'isso na Polonia russa circula uma especie de manifesto, em que se recommenda aos proprietarios slavos que despeçam do seu serviço todos os trabalhadores allemães, e que não arrendem propriedade alguma nem renovem os antigos arrendamentos aos colonos allemães estabelecidos em grande numero no reino.

As perdas que por este motivo o elemento allemão na Russia vae soffrer serão enormes, e provavelmente será este o resultado mais seguro do odioso projecto de lei, que o Landstag acaba de approvar. Isto quanto a perdas materiaes para a Alemanha, porque emquanto a perda moral o resultado ainda será mais desastroso. A nação que timbra em ser a mais civilisada da Europa, a partir de Schiller e de Goethe, que á sua elevação intellectual deve a alta posição que mantém entre os povos cultos, ficará eternamente manchada pela indisculpavel e inutil violencia commettida contra um povo, que é dos mais illustres do nosso cyclo de civilisação, que deu ao mundo sabios tão universalmente respeitadas como Copernico, poetas tão inspirados como Mickievicz, romancistas tão illustres como Sierkievicz e heroes de tão acrisolado patriotismo como Kosciusko.

E no fim de contas o projecto do principe de Bulow só terá servido para cavar mais fundo abysmo entre allemães e polacos, para tornar mais irremediavel o divorcio das duas raças, e para dar ao elemento slavo do imperio maior consciencia da sua unidade nacional. Não havia até aqui uma questao polaca no imperio. O projecto Bulow não só a creou como lhe deu desde logo uma perigosa consistencia.

A segunda questão, que n'este momento na Alemanha se debate e que tão alto interesse está despertando é a do suffragio universal para as eleições ao Landstag prussiano. Ha muito que os socialistas se preparavam para levantar esta questão, que representa para elles uma questão de vida ou de morte no reino da Prussia. E não só-

mente para elles, mas tambem para os partidos radical e liberal que igualmente a tem inscripto nos seus respectivos programmas.

Apenas a actual sessão do Landstag se abriu um deputado liberal apresentou o projecto para a instituição do suffragio universal. Ao mesmo tempo os socialistas organisavam uma manifestação-monstro de perto de quinhentos *meetings* para apoiar o pedido feito ao parlamento, e realisavam nas ruas de Berlim uma procissão de caracter quasi revolucionario, a qual mesmo ao pé do palacio do imperador teve collisão com a policia e determinou uma intensa agitação em toda a capital.

Em resposta a esta manifestação dos partidos avançados o chanceller declarou na camara que o governo nunca concederia o suffragio universal, que é no seu entender contra os interesses do estado. Comprehende-se como esta declaração irritou os animos não só na Prussia mas em todo o imperio.

As manifestações socialistas redobram de intensidade. Novos conflictos se deram em Berlim entre as massas populares e a policia. E, mais significativo do que todos estes symptomas, o partido liberal começou a agitar-se pronunciando-se os eleitores francamente pelo rompimento do bloco, afim de mostrarem ao chanceller o desgosto do corpo eleitoral pela attitude tomada pelo governo. E é exactamente na dissolução do bloco que está todo o interesse e todo o perigo do actual movimento.

Conforme se sabe, depois das ultimas eleições, feitas *ad odium* contra o centro e contra os socialistas, formou-se o chamado bloco conservador-liberal, formado pelos conservadores de todos os matizes, pelos progressistas e pelos nacionaes liberaes.

E' este bloco heterogeneo que sustenta no Reichstag a politica do chanceller. Como podem, porém, os dois partidos liberaes continuar a apoiar o principe de Bulow depois das declarações por elle feitas no Landstag prussiano a proposito do suffragio universal, quando esses dois partidos tem inscripto essa reforma nos seus respectivos programmas e quando os eleitores de cada um d'elles os forcã a tomar uma attitude abertamente hostil ao governo? Já o Reichstag deu n'esta questão o primeiro cheque no chanceller e a dissolução do bloco governamental considera-se como inevitavel. As consequencias que essa dissolução terá para a politica interna e externa da Alemanha e para a propria conservação no poder do principe de



Um desenho a lapis feito pelo Principe Real Senhor D. Luiz Filippe, com a sua assignatura

Bulow são facéis de prever. Já se fala insistentemente na demissão do chanceller e não obstante os desmentidos de origem officiosa, considera-se ella inevitavel.

Mais de uma vez repetimos, n'estas revistas quinzenaes, que a questão de Marrocos longe de ter sido resolvida pela conferencia de Algeiras nos preparava ainda bem desagradaveis surpresas. De facto assim está acontecendo.

A primeira das surpresas, que veio singularmente complicar um

problema de tão difficil resolução, foi a proclamação de Muley-Hafid em Fez e n'outras cidades do imperio. Antes d'este acontecimento o unico sultão legitimo de Marrocos era Abd-ul-Azig. Os outros — Raisuli e Abuamara — eram apenas bandidos revolucionados contra a soberania do verdadeiro e unico chefe do estado. Agora o caso muda

Azig contra Muley-Hafid? Mas n'este caso tem de organizar uma perigosa e dispendiosissima expedição ao interior, com o risco quasi certo de desencadear uma terrivel guerra religiosa no imperio e o certissimo de provocar um tremendo conflicto na Europa. Não intervem pelo contrario, e deixa Abd-ul-Azig entregue á sua sorte? Mas

Clichés do Príncipe Real Senhor D. Luiz Filipe



Castello de Sabugal



Castello de Almourol

de figura. A' soberania tão contestada e tão periclitante do antigo sultão oppõe-se outra soberania fundada em eguaes direitos e que apresenta os mesmos titulos de legitimidade. A Europa não pôde tratar este segundo sultão como estava tratando os dois bandidos

n'este caso, e é elle o mais provavel, se Muley-Hafid consegue a victoria final, todos os compromissos tomados até agora com o governo marroquino, isto é, com o actual sultão, caducam a começar pelo acto de Algeiras, e a Europa ou para melhor dizer a França tem de recommear no imperio. Cherifiam a historia d'estes ultimos tres annos, com um exito mais do que duvidoso. Pode mesmo dizer-se inteiramente duvidoso, por isso que Muley-Hafid foi proclamado sultão em Fez com a expressa condidão de cortar todas as relações com

Castello de Sabugal

*O unico em
Portugal com
5 Quinas.*

*Luiz de Regua
1906*

Verso da photographia acima
«Fac-simile» da letra de Sua Alteza

Almourol

*Muy de Regua
1906*

Verso da photographia acima
«Fac-simile» da letra de Sua Alteza

os estrangeiros e a declarar-lhes mesmo a guerra santa, se fosse necessario chegar a este extremo para libertar Marrocos da influencia d'elles. Como se vê a situação é das mais difficeis e terrivel apparece o dilemma que se apresenta á Europa.

A segunda surpresa, com que estava longe de se contar, foi a subita entrada em scena, exactamente na questão marroquina, do antigo ministro dos negocios estrangeiros da republica, o sr. Delcassé. Discutia-se na camara franceza a interpegação do sr. Jaurés, e quando este, no que parece com grande inhabilidade, se referiu aos

acima referidos. Mas que ha de fazer e qual deve ser a sua utilidade nas actuaes circumstancias? Que ha de fazer sobretudo a França mais directamente interessada de direito e de facto na lucta, que vae travar-se entre os dois sultões? Vae intervir a favor de Abd-ul-

boatos de um rompimento entre a França e Alemanha por occasião da crise do ministerio Rouvier, o sr. Delcassé no meio da expectação geral pedia a palavra e n'um discurso fremente, apaixonado, incisivo não sómente justificou a sua politica em Marrocos, mas desfez com mordente ironia a lenda da possível declaração de guerra da Alemanha á França se elle proprio não sahisse do ministerio e se a republica não tomasse outra orientação na politica exterior. No remate da sua oração accentuou o antigo ministro dos negocios estrangeiros a necessidade que a França tenha para a salvaguarda dos seus interesses e do seu prestigio de persistir no desempenho das suas obrigações internacionaes, taes como lhe estavam prescriptas nos tratados e derivavam das allianças e das poderosas amizades com que contava a republica.

Não se pôde descrever o effeito d'este patriótico discurso. O notavel estadista, que o pronunciou, teve uma das maiores ovações que se teem feito na camara franceza. O sr. Delcassé, silencioso e quasi esquecido ha perto de tres annos, é hoje o homem do dia. A Europa inteira discute com paixão as palavras por elle ditas. A Inglaterra e a Italia approvam-n'as sem restricção. Mas na Alemanha são ellas recebidas na ponta da espada pela imprensa. De repente o imperio allemão carrega outra vez o sobr'olho, á entrada em scena do homem, que ella reputa o seu maior inimigo. Que sahirá d'esta surpresa internacional da questão marroquina?

CONSIGLIERI PEDROSO.



O perdão dos marinheiros. — Os advogados e as familias dos marinheiros dirigindo-se ao Paço para agradecer a El-Rei (Cliché de Benoitte).

A Sua Alteza o Principe Real

Os ultimos versos de que foi objectivo o chorado Principe Real são firmados pela illustre auctora das Matinas, a sr.^a D. Branca de Gonta Collaço.

Como para a desolada rainha mãe deve ser dolorosa a leitura d'esse formoso trecho poetico, sentido e escripto numa hora em que para o principe sorria a vida com todos os seus sonhos, no pleno vigor da mocidade!

E', para contrastar com o momento actual, todo de lagrimas e saudades, que pedimos venia á inspirada poetisa das Matinas, para arrancar d'esse precioso écrin esta formosissima joia.

Principe!

O promotôr d'esta bondosa emprêza, como tardásseis tanto a vêr minas e roças, quiz que eu viesse aqui dizer a Vossa Alteza que todo Portugal tinha saudades Vóssas!

E eu apressei-me a vir, oh principe dourado, sem attentar sequer na audácia do meu feito, porque para não vir n'este momento ázado... fôra mistér não ter um coração no peito!



O perdão dos marinheiros. — As familias dos marinheiros estacionando defronte do Paço (Cliché de Benoitte).

E não me encontro só! Pois todas as senhoras filhas da nossa terra, e do seu brilho intenso, vos vêm dizer commigo, alégres como auróras, que o nósso amor por vós é um amor immenso!

Porque quando amanhã no abysmo dos destinos a morte nos sumir os corações mortáes, sereis vós o guardião dos filhos pequeninos, que andamos a embálar nos braços maternas!

Vindes de percorrer as páginas de glória que em Africa escreveu o esforço portuguez, e a aclamação infinda háde ecoar na historia, que enthusiasmada, ardente, éssa Africa vos fez!

Na pátria, ao regressár, bem vistes reflectido o mêmso intenso ardôr, que vibra agóra aqui: mixto de esperanza, amor, e orgulho enternecido, com que a Rainha chóra e com que El-Rei sorri!

Louvêmos pois a Deus, ao nósso Deus bondoso que assim vos trouxe são, e salvo, e festejado, ao lindo céu d'anil, profundo, e luminoso, d'este «Jardim da Európa á beira-már plantado!»

No ceu, no már, na terra, espêlhem-se venturas! E sirva de desculpa o seu contentamento, á tímida canção das débeis creaturas a quem, se falta a voz, sobeja o sentimento!

E se a canção, Senhor! por pretender alár-se a uma missão tão alta, a não julgáes vaidosa, aos pés de Vossa Mãe deixáe-a desfolhár-se, a atapetar-lhe o chão de petalas de rósa!...

Branca de Gonta Collaço.



Os filhos do regicida Buiça



Contra-almirante Augusto de Castilho

Ministro da marinha e ultramar

(Cliché de Arnaldo da Fonseca).

AUGUSTO DE CASTILHO

Pela ausencia de um dos directores do *Brasil-Portugal*, actualmente no Rio de Janeiro, cabe a quem firma estas palavras o gratissimo dever de saudar em nome de nós todos aquelle que por ser chamado aos conselhos da corôa abre um parentese na direcção dos trabalhos d'esta Revista.

Saudar! Não é bem esta a palavra que traduz o nosso pensamento. Empregamo-la á falta de outra melhor, á falta do termo apropriado que exprima simultaneamente um vago desgosto e um intimo contentamento.

Não é o desgosto apenas de nos vermos temporariamente privados da sua camaradagem tão leal, e do seu conselho tão seguro. E' o tambem, e sobretudo, porque conhecendo, como poucos, a linha recta do seu espirito, a inteireza do seu caracter, o seu brio pessoal, de cidadão e de militar, avaliamos, como ninguem, o sacrificio que a si proprio se impoz accetando em hora tão grave e de tamanhas responsabilidades a gerencia da pasta da marinha e ultramar.

Intimo contentamento — seria pretensão o occultá-lo — de o vermos chamado ao governo, não por indicações partidarias ou exigencias politicas, mas pela imposição de caracter, pelo reconhecimento do valor, pelo prestigio do nome, alcançado em cincoenta annos de serviços consagrados á patria, por se reconhecer enfim, a necessidade de apoiar sobre um forte pedestal de honestidade, de experiencia, e de civismo, a promettedora e inexperiente mocidade do rei.

E' bem verdade que só o destino é omnipotente, porque só elle, na sua elaboração mysteriosa, torna verdadeiro o inverosimil, dá realidade a todas as utopias, derriba todas as previsões, dissipa todas as sombras, e no correr do espaço e do tempo, deixa vér, á sua verdadeira luz, o fundo da alma e da consciencia humana. Quantas vezes elle tem sido, e só elle, o juiz integro, o redemptor supremo?

Quem nos havia de dizer a nós todos que aquelle coronel Picquart, escarnecido pela multidão, injuriado por todo um exercito, considerado traidor á patria, porque defendia um homem que ella chamava criminoso e que elle sabia innocente, havia, annos volvidos, de ser o chefe d'esse exercito, e um dos filhos mais queridos d'essa mesma patria?

Quem havia de crer que esse velho senador, que se chamou

Scheurer Kestner, amaldiçoado pelos seus proprios companheiros das luctas politicas, repudiado, enxovalhado pela maioria da nação franceza, porque a sós com a sua consciencia defendia o judeu maldito e chamava para a innocencia d'elle a justiça universal, havia de ser abençoado pela humanidade e glorificado n'essa mesma grande cidade, que o insultára, e que ha poucos dias lhe ergueu, n'um dos seus mais poeticos jardins, uma estatua, em nome da Patria agradecida?

Quem havia de imaginar, no decurso dos ultimos mezes de 1894, que o official da marinha portugueza, Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha, accusado por dois governos, o do Brasil e o do seu paiz, de um crime politico pelo qual era chamado a um conselho de guerra, crime tão nefando que para elle se reclamava a maior penalidade da lei, havia, quatorze annos depois, na hora mais grave da vida nacional, de ser chamado, em nome da lealdade, do patriotismo e da honra, pelo rei e pelo chefe do governo, a assumir as altas funcções de chefe da armada?

E' que o Destino, a que outros chamam a Providencia, tem, e só elle, o poder invisivel de descobrir e illuminar a verdade. Muitas vezes é á Posteridade, é á Historia que elle confia essa missão de justiça. Mas tambem não raro succede que aos contemporaneos seja dado o salutar espectáculo da razão que domina, da verdade que sobrenada, da justiça que triumphá. E para Augusto de Castilho a justiça começou a fazer-se n'esse mesmo Tribunal de 1895, em que o official unanimemente absolvido foi entusiasticamente aclamado pelos seus juizes e pelos seus camaradas.

E' que todos elles, e quantos vieram depois, e a sociedade portugueza, em summa, reconheceram que Augusto de Castilho, o moço governador de Moçambique, que aos 36 annos, para desaggravar o representante de Portugal que o Sultão de Zanzibar se nega a receber não querendo tratar com elle dos limites do seu paiz com a nossa provincia de Moçambique, occupa as povoações zanzibaristas, repelle com dois ataques as forças do Sultão, toma-lhe as bandeiras e as peças da artilharia, e obtem para Portugal um novo triumpho, é tão valente, denodado e patriota e tem no coração de portuguez tão enraizado e profundo o amor da sua terra, como o commandante da *Mindello* ao recolher a bordo do seu navio, com risco da liberdade e da vida, n'um admiravel gesto de altruismo, centenas de brasileiros que lhe supplicam refugio, que aterrados lhe pedem os poupe á morte violenta e certa.

Se o governador de Moçambique honrou o nosso heroismo tradicional, não menos o commandante da *Mindello* honrou as qualidades ethicas da nossa raça, e mais do que isso, escreveu nos fastos da Humanidade uma das mais bellas paginas de ouro!

Essa pagina seria bastante a immortalisar o nome de Augusto de Castilho, que em tantos actos subsequentes, na esphera da sua acção official, como deputado da nação, como governador, como director da Escola Naval, como director geral da marinha, tem sempre engrandecido e nobilitado.

Dera-lhe não ha muito o fallecido Rei, como distincção especial, a grã-cruz de Aviz, que galardôa os serviços militares, e cobrem-lhe o peito de marinheiro as condecorações que premiam o merito nas suas manifestações multiplas.

Os postos que subiu na marinha, de aspirante a contra-almirante, de 1861 até hoje, pôde dizer-se que não houve um só, desde que fez a sua primeira estação naval na India até que subiu aos conselhos da corôa, que não illustrasse por um acto ou de bravura, ou de rectidão, ou de justiça ou de bondade, ou de intelligencia, a qual tem manifestado tambem em outra esphera de actividade espiritual, publicando obras de valor sobre a situação e o futuro das nossas colonias, disseminando por jornaes as luzes do seu criterio e da sua experiencia.

..

Se para este logar eu quizesse trazer o chefe de familia, o marido, o pae, o avô, diria que a vida de Castilho era um modelo e o lar de Sete Rios um exemplo. N'essa casa patriarchal em que os bustos e os retratos a oleo de Antonio Feleciano de Castilho mostram o respeito sagrado do filho, em que as armas, as azagaias, as settas e os tropheus africanos lembram as épocas das suas campanhas e dos seus governos no Ultramar, em que uma profusão enorme de brindes, os mais valiosos e os mais significativos, attestam o reconhecimento da terra brasileira áquelle que restituiu illesos a centenas de mães em pranto os filhos queridos que iam soffrer morte affrontosa, n'essa casa, por tantos titulos respeitavel, casa-se a austeridade com a singelleza, a exacta comprehensão da vida moderna com o religioso culto de uma tradição que se impõe. E nada mais bello e suggestivo do que vér esse homem glorioso e chão, a cabeça aureolada de cabellos brancos e a farda de almirante coberta de condecorações que nobilitam, espalhando para a esposa e para os filhos sorrisos complacentes que exprimem a felicidade de os ter bem perto de si, n'essa intimidade que evoca as épocas ridentes da existencia e remoção os corações, em que já vem cahindo as primeiras geadas do inverno.

E' vê-lo então, n'esses dias de felicidade plena, ia a dizer beatifica, em que o bravo e humanitario commandante da *Mindello*, o governador heroico de Moçambique, embala sobre os joelhos o pequenino João o netinho de quatorze mezes, que estende para elle os bracitos rechonchudos, que oferece aos seus beijos a boquinha de carmim, que começa a chamar-lhe vôvô, e que tão pouco peso faz ainda sobre a terra! Como lhe dão a eternidade da ventura esses instantes, em que pratica e soletra pagina a pagina *L'art d'être grand père*, do velho Hugo, d'esse famoso avô, que ensinou aos novos como se honra a patria, e aos velhos como se adoram os netos!

Ante esse espectáculo, ao mesmo tempo instructivo e infantil, quantas vezes tenho imaginado, de mim para mim, que elle, ao beijar o loiro bébé, é o vivo traço de união entre o futuro que balbucia as primeiras palavras e o passado distante, illuminado todo elle pelo

clarão immortal do grande Cego, de Castilho, o Grande, chefe proclamado de uma litteratura e chefe modelar de uma familia!

E tudo se aclara e explica, e á maravilha se comprehende que n'este paiz do Sol, que o mar epicamente prolongou a todos os confins do Planeta, se aninhe no coração de um velho marinheiro, desde a abnegação que vai até ao heroismo, desde a bondade que vai até á ternura, toda a Alma portugueza!

..

Muito de proposito eu reservo para o remate d'estas palavras a invocação do seu nome como director do *Brasil-Portugal* — E' que a situação que nós creámos na litteratura e na arte portugueza, o prestigio que, á força de perseverança a nossa Illustração attingiu, nos dois paizes que falam a nossa lingua, a conquista de sympathias, adhesões e louvores, que nunca fraquejou durante estes dez annos de laboriosa existencia, devemo-los em grande parte a elle, á sua colaboração proficiente, aos seus avisados conselhos, ao poderoso reflexo da sua individualidade consagrada.

Dizer isto em publico, bem alto, em nome de todos d'esta casa, é um dever que apraz ao coração e satisfaz a consciencia.

JAYME VICTOR.

Dr. Alberto Fialho

Com sua esposa vai a caminho de Roma o diplomata illustre que durante longos annos representou o Brasil em Portugal.

Os representantes do governo, os membros do corpo diplomatico, e numerosas pessoas das relações do ministro brasileiro, e de sua gentilissima esposa foram á despedida provar-lhes com a sua presença as saudades que deixam em Lisboa.

Aos mais intimos, aos que mais de perto lhe apreciam as altas qualidades de diplomata, de homem de sociedade, dizia o dr. Alberto Fialho — «Custa-me muito deixar Portugal. Portugal era para mim



Dr. Alberto Fialho

Ex-ministro do Brasil em Lisboa

a segunda Patria. A mim e minha mulher cercaram-nos todos de tanta estima, de tantas deferencias, amimaram-nos por tal forma, é o termo, que eu não podia deixar Portugal sem profundas saudades. Porem, depois dos terriveis acontecimentos que se deram, e da magua que elles deixaram no meu coração, confesso-lhes que tenho mais vontade de sahir que de ficar.»

Nós que não podemos dizer nem fazer o mesmo, podemos ao menos confessar que deixa em todos uma recordação indelevel esse sympathico diplomata que durante os annos que viveu entre nós, tão superiormente representou sempre o Brasil, contribuindo para o estreitamento das relações entre os dois povos não só com os seus predicados de politico, sagaz, mas tambem e muito com o seu encanto pessoal, com o seu espirito culto, e os primores da sua educação esmerada.

Dois representantes de valor teve o Brasil em Portugal antes da vinda do dr. Alberto Fialho: o conselheiro Mello Alvim e o dr. Assis Brasil.

O primeiro, diplomata do velho regimen (creio mesmo que é hoje o decano do corpo diplomatico brasileiro) residiu aqui muitos annos, creou familia, conquistou sympathias, e tanto amor conserva a esta terra onde vivem suas filhas e sua esposa, que de vez em quando vem fazer-nos uma visita.

O dr. Assis Brasil era o diplomata pensador, o ministro escriptor e philosopho, *doublé* de homem de *sport* na mais alta acceção. Foi elle tambem o alto representante do reatamento das relações entre Portugal e Brasil, foi aquelle a quem no salão de S. Carlos se prestou, n'um banquete celebre, a homenagem maior que a um diplomata se tem tributado em Portugal. Pois, não obstante a brilhante tradição deixada pelos seus antecessores, o dr. Alberto Fialho, logo ao *premier abord* captivou a sociedade de Lisboa, pela finura das suas maneiras, pela corrección de seu porte e até pela sua singella e natural eloquencia, que nunca deixou de pôr ao serviço do seu paiz, elevando-o, com o cuidado especial de elevar ao mesmo tempo a nação em que o estava representando.

E esta obra de suggestiva attracção completa-a a sua esposa, a sr.^a D. Sara Hamilton Fialho, uma das damas mais intelligentes e mais formosas que contava hoje não só o corpo diplomatico mas



D. Sara Hamilton Fialho

toda a primeira sociedade de Lisboa. Não havia duvida de que o Brasil não podia estar melhor representado nos seus elementos officiaes. Com a acção eficaz do seu ministro, conjugava-se a do seu consul, o dr. Manuel Pontes, que tambem nos conquistou a todos nós pela sympathia, pela fidalga corrección do seu trato e pela culta lucidez da sua intelligencia.

Com a gentil ministra e a gentil consulesa do Brasil estava constituída por uma fórma brilhantissima a representação feminina, entre nós, da patria brasileira.

Possa o novo ministro que o governo brasileiro destinou a Portugal continuar a tradição do seu saudoso antecessor, e oxalá que dentro em pouco o rei Victor Manuel, o governo italiano e a sociedade romana tenham pelo representante do Brasil, a mesma estima, o mesmo respeito, e o mesmo affecto, que elle conquistou e deixou no coração dos portuguezes.

O "Brasil-Portugal" e o publico

Foi colossal o exito do numero anterior d'esta Revista. De toda a parte nos estão chegando incitamentos que muitos nos sensibilizam e applausos que muito agradecemos.

Quadruplicou a tiragem ordinaria do *Brasil-Portugal*, das mais afastadas terras do paiz estamos recebendo constantes requisições de exemplares, e pedidos, que nos honram, para inscrevermos, entre os nossos assignantes, os signatarios.

N'este numero, o 219, em que nos esforçamos para corresponder á expectativa e ao interesse do publico, dando-lhe novos aspectos dos sensacionaes acontecimentos que marcam uma epoca na Historia portugueza, não foi possivel dar cabimento a todos os assumptos, tantos e de tamanha importancia elles são.

Destacaremos ainda parte delles para o proximo numero 220, o qual faremos esforços para que corresponda, em interesse palpitante e brilho artistico, aos seus antecessores.

THEATROS

Enorme abundancia de gravuras e original relativos aos acontecimentos d'estes ultimos dias, impede-nos de preencher esta secção, não obstante se terem representado peças novas em varios theatros, como *Os Direitos Paternos* no D. Amelia que foi um triumpho para Lucilia Simões e Augusto Rosa, *As Elegantes Pobres* e a *Triplepatte* em D. Maria, *A Elegante* no Gymnasio, *A Filha das Ondas* na Avenida, a *M.^{me} Favart* na Trindade, na qual brilhou Thereza Taveira, que fez com essa linda opereta, a sua festa artistica.

N'outro numero dirá ainda de sua justiça sobre estas novidades theatraes o habitual chronista do *Brasil-Portugal*.